

Primavera gótico-tropikal no fascismo dos supermercados

Parte 2

Alejandro Donaire Palma¹

Axiomática totalitária

*Pinochet tenía razón cuando dijo
que estábamos viviendo en guerra
el asesino sembró una guerra
en nuestros corazones.*
Marcel Duchamp, “Ácaros” (2003)

*(...) trabajar como diseñadora, porque eso es lo
que soy.
Seguir con mis clases de ballet, porque las amo.
Soy bailarina clásica. Y, a lo mejor, luego
casarme.*

Cecilia Bolocco durante a rodada de perguntas
do concurso Miss Universo (1987)

Quase três meses após a explosão da Primavera, a legitimidade do governo Piñera está no chão. Em sua primeira pesquisa de 2020, CADEM - empresa intimamente ligada ao ecossistema ideológico-econômico do qual o presidente participa -o apresenta com uma aprovação de 13% e uma desaprovação de 80%². Outros centros propagam visões mais críticas, mostrando apenas 5,1% de aprovação³. Mas os mais sinistros são os olhos mutilados.

No início de janeiro, um relatório entregue pelo Colégio Médico do Chile mostrou que até o momento houve 360 casos de mutilação ocular, com efeitos de perda parcial ou total da visão, produzidos por *pellets* e bombas de gás lacrimogêneo⁴. Cada

1 Pesquisador independente vinculado a grupos de estudos autônomos e midiativismo em centros sociais ocupados na região de Valparaíso, Chile. Esporadicamente trabalha como analista de dados e mercenário pre/cog.

2 CADEM. Encuesta ‘Plaza Pública’. Primera semana de Enero – Estudio nº 312. Disponível em: <https://www.cadem.cl/wp-content/uploads/2020/01/Track-PP-312-Enero-S1-VF_Baja-1.pdf>.

3 Active Research. Pulso Ciudadano – Diciembre 2019. Publicación nº12. Disponível em: <<https://www.activaresearch.cl/storage/downloads/73d9a320542eb2330db79a2b9cf5dcaf.pdf>>.

4 Uma notícia que aborda o relatório do ColMed disponível em <https://www.elmostrador.cl/dia/2020/01/03/nuevo-reporte-colegio-medico-revela-que-360-personas-han-sufrido-traumas-oculares-durante-el-estallido-social/>

um desses olhos está sendo transformado em moeda para expiação dos cidadãos-espectadores penitentes. Eles não são apenas símbolos de um governo que declarou guerra contra *seu* povo. São também marcas territoriais que atestam o nível máximo de hostilidade entre os chilenos que pode ocorrer quando os elementos mínimos de consenso social são rompidos.

Qualquer punk bêbado, tentando organizar suas ideias ao amanhecer, descendo pela escada de “La Fama”, sabe que a democracia é a continuação da ditadura através de novos meios. Nos becos de Valparaíso as paredes o vomitam como uma verdade histórica. E ficou mais evidente em fevereiro, ao fim do primeiro ciclo crítico de violência popular nas ruas, quando o cheiro da democracia parece ter permeado o calçamento. Uma vez que seu efeito lacrimal se dissipou, permanecem a náusea e as folhas pisoteadas de um livro de Manovich⁵. Uma prematura visão de outono⁶.

Os níveis de violência desencadeados pelos aparelhos repressivos do Estado em todo o território chileno após a explosão social de outubro de 2019 já foram experimentados na pós-ditadura. Não é apenas uma lembrança distante dos gorilas da CNI⁷ ou de Pinochet dando declarações na TV. Você não pode dizer que o pós-socialista Ricardo Lagos Escobar ou sor Michele Bachelet sejam menos criminosos que o *midget* Piñera. No contexto do conflito de resistência e recuperação do território ancestral que emergiu com força de diferentes cantos do *ñuke mapu*⁸ no final do século passado, a violência repressiva com resultados de mutilação física e psicológica tem

5 N.R.: O russo Lev Manovich (ou simplesmente Manovich) é um dos principais teóricos de cultura digital no mundo. É crítico de cinema e professor universitário estabelecido nos Estados Unidos.

6 Para os habitantes de Abya Yala recomendo ouvir o Blues Splendor, que são como os Black Panther do ValPop A-Go?-Go! <https://www.youtube.com/watch?v=AASjR0BtaGA>

7 N.R.: Acrônimo de Central Nacional de Informaciones (1977-1990), polícia política e organismo de inteligência durante a ditadura do general Augusto Pinochet.

8 N.R.: “Terra Mãe”, para os índios mapuche.

sido uma prática sistemática na militarização do Wallmapu⁹. Essas histórias são silenciadas ou reduzidas a um segmento espaço-temporal diferenciado da vida cotidiana dos “nós, chilenos”, em zonas de exceção¹⁰.

Isso ficou evidente na morte de Catrillanca¹¹. O assassinato foi horrível, mas não incompressível pela formação discursiva estabelecida no território chileno, e sobre a qual o consenso da pós-ditadura foi construído¹². Tanto os que defenderam a política repressiva no sul do país, quanto aqueles que tomaram posição pelas demandas por justiça realizadas pela família e os diferentes grupos de ex-querda que assumiram uma posição ativa (principalmente do ponto de vista dos “direitos humanos”), estabeleceram-

9 Rojas Pedemonte e Miranda analisam socio-historicamente o curso das relações entre as comunidades Estado / Capital (hidrelétricas, empresas florestais) e Mapuche, identificando ciclos de conflito no Wallmapu durante a pós-ditadura chilena: 1) revitalização do protesto e aplicação da "cenoura e el garrote" (1990-1996), caracterizado por uma intensificação do protesto mapuche - com uma estrutura associada à demanda por direitos e com repertórios clássicos de ocupação territorial -, neutralizada por uma estratégia de repressão seletiva e uma abertura relativa de canais institucionais; 2) o progresso das comunidades diante do extrativismo neoliberal e a criminalização do protesto, que começa iniciando sua grande escalada em 1999 e atingindo seu pico em 2001, manifestando-se em resistência ao megaprojeto de energia Ralco no Alto Biobío, protestos contra a indústria florestal em Arauco e Malleco e o processo de recuperação territorial em larga escala que resultou na aplicação sem precedentes da Lei Antiterrorista; 3) o período 2003-2006, quando a feroz repressão legal é consolidada, levando à "clandestinidade ativa" dos setores mais radicais do movimento e ao ressurgimento da alternativa político-eleitoral entre organizações mapuche moderadas; 4) que se torna um canto e controle judicial da "nova guerrilha" entre 2007 e 2010, em que Michele Bachelet desenvolve uma estratégia ambivalente de reprimir o protesto, oferecendo significativas concessões simbólicas, enquanto se torna o governo mais repressivo da pós-ditadura, iniciando uma intensa onda de repressão; e 5) um último ciclo, que deve ser discutido após a morte de Catrillanca, que começa em 2011 e é definido pelo espetáculo policial, pelo fechamento e ilegitimidade dos canais político-institucionais, e pela transversalidade de uma cultura radical e anti-extrativista no movimento. Em Rojas Pedemonte, N. e Miranda, O. Dinámica sociopolítica del conflicto y la violencia en territorio mapuche. Particularidades históricas de un nuevo ciclo en las relaciones contenciosas. In **Revista de Sociología** 30, 2015, 33-69.

10 Sobre isso, acho interessante a leitura crítica feita no início do século XXI para as ideias de Giorgio Agamben em Giorgi, G. e Pinkus, K. Zones of Exception: Biopolitical territories in the Neoliberal Era. **Diacritics** 36 (2), 2006, 99-108.

11 N.R.: Camilo Marcelo Catrillanca Marín, jovem liderança do povo mapuche, morto no dia 14 de novembro de 2018, aos 24 anos, pelos Carabineiros chilenos, em uma operação que despertou manifestações em todo o país e levou mais de 4 mil pessoas ao seu velório.

12 A ideia de consenso foi um termo-chave para tentar caracterizar a história recente do Chile, instalando um piso comum para a análise do cenário político-social e cultural da pós-ditadura. Em meados da década de 1990, Tomás Moulian tentou entender o consenso como o mito sobre o qual foi fundada a consolidação do regime neoliberal instalado no Chile durante a ditadura de Pinochet, com base na construção de um discurso oficial sobre a existência de uma racionalidade política capaz de promover a ordem institucional e o desenvolvimento econômico do país. Esse consenso se baseou na "anulação do movimento assalariado, na redução da politicidade e na criação de um estado imaginário de 'modernidade' triunfante que engoliu as camadas políticas dominantes, gerando um consensualismo que atenua as diferenças no futuro, por sobre direção e destino" (p. 364). Moulian, T. Chile Actual: Anatomia de un mito. Santiago: LOM, 1998. Nelly Richard oferece uma definição de consenso como o dispositivo encarregado de conjurar a polarização ideológica, atuando como uma garantia normativa destinada a sujeitar os distúrbios sociais, "forçando a unanimidade dos comportamentos em torno dos slogans oficiais" (p. 15). Richard, N. Recordar el olvido, no Olea y Grau (comp.) Volver a la Memoria. Santiago: LOM – La Morada, 2001

se em um território discursivo comum, aceitando de fato a existência de uma estrutura institucional capaz de garantir algum tipo de resolução e “justiça”¹³.

Em vez disso, os olhos mutilados pela violência policial após 18 de outubro são vistos pelos cidadãos-espectadores como índices desterritorializados que excedem a capacidade da máquina estatal de codificar esse fluxo de violência como legítimo dentro de um discurso de segurança e defesa da estabilidade social do país. Isso é evidente um mês após a explosão da Primavera, quando Piñera rejeita as conclusões do relatório da Anistia Internacional que, com base na compilação de casos de uso letal de força, tortura e ferimentos graves, demonstra a existência de "um certo grau de coordenação" que aponta para a existência de responsabilidade no alto nível de comando¹⁴.

Dadas as evidências, não é possível ao governo de Piñera apresentar uma argumentação legítima para a aplicação dessas medidas repressivas como parte de uma estratégia de segurança. Só mesmo responder que o relatório da AI apresenta afirmações irresponsáveis ao falar sobre a existência de uma política deliberada para prejudicar os manifestantes. No entanto, qualquer um de nós experimentou como as máquinas repressivas agiram ao nível do pavimento e dos corpos: isso não foram só *alguns* policiais cometendo excessos. Talvez ninguém do comando central tenha dito "atire nos olhos", mas a maneira como isso ocorreu mostra a existência de uma prática repressiva. O governo não pode negá-lo, evitá-lo ou desenvolver um discurso de mitigação, isolando o fato em alguma zona de exceção, porque todo o território controlado pelo Estado chileno virou uma.

A codificação das forças inscritas na ordem do discurso, o que durante três décadas permitiu **conjurar** os efeitos do poder e da resistência, já não pode mais **conjugar** um argumento válido da boca do soberano. O *mediascape* atira cifras e breves segmentos audiovisuais diretamente no sistema límbico dos cidadãos-espectadores. O conflito revela sua dimensão puramente axiomática.

13 Após o primeiro aniversário da morte de Catrillanca, seu pai, Marcelo Catrillanca, declarou à mídia T13.cl suas expectativas antes da resolução judicial do caso: “Acredito que, como família, temos esperança porque, depois do ano em que estamos perto da justiça, há situações em que houve justiça (...) Espero que o senhor (Carlos) Alarcón tenha uma sentença de prisão perpétua, porque é uma vida que terminou, é uma vida. E os outros terão seu julgamento porque há ocultação, há conspirações.” Para ler mais, ver: < <https://www.t13.cl/noticia/nacional/papa-camilo-catrillanca-aniversario-estamos-cerca-justicia-carabineros> >.

14 Como pode ser lido em: < <https://www.lavanguardia.com/internacional/20191122/471784105765/chile-amnistia-internacional-violaciones-derechos-humanos-imagenes.html> >.

Seguindo Deleuze e Guattari (D&G), os axiomas são enunciados operativos que constituem a forma semiológica do Capital, fazendo parte das agências de produção, circulação e consumo que estabelece nos territórios¹⁵. Neste exercício abstrato de origami para explicar a dobra do espaço político que ocorreu após outubro de 2019¹⁶, produz-se um segundo movimento que situa a irrupção dos antagonismos nos pontos críticos da máquina estatal capitalista.

Como Deleuze propõe, nas formações históricas não capitalistas o ato constitutivo fundamental do *socius* tem sido a codificação dos fluxos através de um regime de identificação e organização que pré-estabelece as condições de sua conjugação, definindo suas regras de extração, separação e distribuição. Isso implica assumir a existência de uma força cuja aparência objetiva é externa ou transcendente ao campo de relações entre os fluxos que o constitui; por exemplo: o reconhecimento de uma vontade soberana no sentido hobbesiano. Em vez disso, o Capital é constituído pelo paradoxo fundamental de governar através da decodificação dos fluxos territoriais, explorando os limites que produzem no encontro entre aqueles e transformando-os em “limites internos” que são reproduzidos em escalas cada vez maiores¹⁷. Tente imaginá-lo como se fosse uma grade finita cuja adaptabilidade contínua permita captar o infinito das combinações possíveis que surgem da liberação dos fluxos.

Lembremos que esses autores estão escrevendo na crise dos projetos modernos em torno dos estados nacionais e das tecnologias disciplinares de poder. Um dos efeitos da descodificação territorial é o enfraquecimento progressivo das soberanias tradicionais e das formas estatais constituídas ao seu redor, com suas segmentações molares e fortemente estratificadas. Mas, na axiomática capitalista, o Estado não desaparece, só se torna imanente nas operações concretas das máquinas capitalistas. A figura política do soberano continua sendo uma posição limite em torno da qual é estabelecida a ordem das coisas em um território, só que deixa de ser transcendental aos fluxos e aos agenciamentos que se desenvolvem entre eles, sendo incorporada como uma máquina de governo a mais, com uma posição estratégica específica em relação ao

15 Deleuze, G. e Guattari, F. *Mil Mesetas: Capitalismo y Esquizofrenia*. Valencia: Pre-Textos, 2004, p. 466.

16 Como pode ser lido na primeira parte deste relatório, publicada na edição anterior desta revista, o primeiro movimento de soberania grotista colocou o “nós, chilenos” contra um governo covarde de yuppies rentistas escondido atrás de armadilhas legais e violência. Donaire-Palma, A. Primavera gótico-tropical no fascismo dos supermercados. Parte 1. In **Lugar Comum**, 56, 2019, p.236-245.

17 Deleuze, G. *Derrames. Entre capitalismo y esquizofrenia*. Buenos Aires: Cactus, 2005. É particularmente interessante a Aula VII, sobre a diferença entre codificação e axiomática, p. 117-137.

regime axiomático do Capital¹⁸. A figura-de-ação do presidente Piñera tem os raios do céu no cu, mas NÃO inclui pilhas¹⁹.

Em seu horizonte de referência D&G viram o laboratório chileno como um exemplo da axiomatização da sociedade na sua expressão mais represiva. Ainda lembro o arrepio que percorreu minha espinha depois de ler que o regime instituído durante a ditadura no Chile representava o *Estado mínimo do Anarcocapitalismo*²⁰. Estranha epifania considerando que era um livro roubado.

As perguntas que abriram suas pétalas em meados de outubro tornam-se mais claras quando colocamos em contexto a explosão social e a violência repressiva entre as polaridades esquemáticas que D&G usam para definir analiticamente a axiomática capitalista, dando suas primeiras coordenadas como um fenômeno histórico. Axiomático social-democrático e axiomático totalitário são os possíveis estados de fase que caracterizam a articulação entre as máquinas capitalistas e sua intervenção nos fluxos territoriais.

O primeiro, caracterizado pela multiplicação de axiomas, que permite incorporar os fluxos críticos que marcam seus limites e seus pontos de tensão, transformando as reivindicações antagônicas em demandas assimiladas pelo sistema. Perucas para todes.

O segundo encarna a tendência de restringir os axiomas, contendo o colapso potencial de cada mercado interno – definido pelos limites cada vez mais confusos das soberanias territoriais dos estados nacionais –, enfrentando a possibilidade de sua saturação, produto da superprodução ou excesso de demanda, e mantendo os axiomas mínimos necessários para integrar os fluxos no mercado mundial, em momentos específicos de crise ou durante ciclos prolongados de recessão. Por favor, guarde isso. Eu recomendo que você desenhe a ideia.

18Acho interessante a discussão proposta em Mezzadra, S. e Neilson, B. *Frontera como método. O la multiplicación del trabajo*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2017, particularmente su capítulo 6. La máquina soberana da gubernamentalidad, 197-237. Ali se afirma que a soberania continua sendo uma propriedade sistêmica, mas sua inserção institucional na máquina estatal e sua capacidade de legitimar e absorver todo poder legítimo, derivado de ser a fonte da lei, tornaram-se instáveis. A soberania fornece um complemento necessário à governança, especialmente nos casos em que este último falha no momento da reprodução da estrutura de suas operações.

¹⁹ Como o presidente Schreber, Piñera faz parte de uma agência maquina delirante. No entanto, sua energia desejante é limitada pelos aparelhos institucionais de governo, além dos departamentos de comunicação estratégica que apostaram suas fichas na candidatura de 2017 sob o slogan “*Tiempos Mejores*”. O texto é uma paráfrase de um parágrafo de Deleuze, G. e Guattari, F. *El Anti Edipo: Capitalismo y Esquizofrenia*. Barcelona: Paidós, 1996, p. 11.

²⁰ Deleuze e Guattari, Op.cit., p. 467.

É necessário revisar o escopo estratégico contido no slogan "NÃO SÃO 30 PESOS, SÃO 30 ANOS", popularizado rapidamente durante os primeiros dias da Primavera. Foi algo que minha mãe repetiu, e o ancião ex-mirista²¹ que vende livros e, também, uma senhora paranoica no ônibus, e até aquele personagem horrível da transição chilena, Francisco Vidal, em alguma diatribe na televisão. Mas a frase contém um erro sutil na compreensão da materialidade do processo histórico envolvido. Depois da última década de exacerbação de conflitos sociais e eco-territoriais no país é evidente que “são 30 anos”, e muito mais. Embora a natureza auto-evidente do slogan transcendentalize o evento crítico como se fosse uma convergência mística, sem reconhecer nele um agenciamento específico de fluxos em torno do que podemos chamar "o estopim". Como diz Lazzarato, não devemos esquecer o acontecimento porque ele nos permite ver o que é intolerável em uma época, mas também faz emergir novas possibilidades de vida²².

O Decreto 140 do Ministério de Transportes e Telecomunicações, publicado em 2010, estabelece a metodologia para determinar o ajuste mensal dos serviços de transporte público na Região Metropolitana de Santiago com base em um "painel de especialistas" que decide o preço com base em um algoritmo que envolve, entre suas principais variáveis, o preço internacional do diesel, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC), a taxa de câmbio do Dólar Americano Observado (DO) e do Euro²³.

Obviamente, o aumento no bilhete de metrô não foi muito alto, mas os cidadãos-espectadores puderam experimentar, no seu dia a dia, a desdobra histórica dos processos econômicos integrados nos fragmentos da realidade que o algoritmo encadeia processualmente. Brian Massumi fala sobre o poder que atua através da modulação ambiental (*environmental*) dos comportamentos e disposições dos corpos, seguindo uma lógica operativa de preempção²⁴. *Onto-power*. Por certo, é sempre estresse, já motivado pelo medo à guerra, mas também pela culpa ou a dívida. *Smoke of future fires*.

Como o número de olhos arrebatados pela polícia, o preço do ticket de metrô é um sinal transmitido através da *mediascape* que excede a codificação da máquina soberana, mas que qualquer filho anônimo de um vizinho pode reconhecer como um

21 N.R.: Relativo a MIR (Movimento de Esquerda Revolucionária).

22 Lazzarato, M. *Por una política menor. Acontecimiento y Política em las Sociedades de Control*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2006, p. 36

23 Como pode ser lido em: < <https://www.leychile.cl/Navegar?idNorma=1011591&idVersion=2011-04-21> >.

24 Massumi, B. *Ontopower. War, Powers, and State of Perception*. Durham: Duke University Press, 2015

momento crítico de maior alcance, afetando diretamente em suas possibilidades de gastos, endividamento ou tentativas ilusórias de poupança. Diferentemente do discurso soberano, com seus quartos ocultos e chaves secretas, a axiomática pode ser entendida por qualquer corpo através do qual convergem os fluxos capitalistas, mesmo que não tenha formalizado um modelo de inteligibilidade. Manifesta-se nas afecções diretas integradas aos comportamentos quotidianos como reações adaptativas dos cidadãos-espectadores aos sinais do ecossistema capitalista, cujo aprendizado e reprodução são o resultado da subsunção de suas vidas aos princípios do Capital. A circulação de mercadorias é o ponto de partida do problema. O resto, estresse. *(Ir)rational choice = escravidão maquínica.*

Claramente, não eram apenas 30 pesos. Mas seu registro, observação e análise como um processo técnico integrado no governo dos fluxos através do território, fornece um sítio arqueológico muito interessante entre a abertura das expectativas de ação social dentro da estrutura institucional do Estado chileno e a retirada defensiva que o Estado deve assumir uma vez que não pode conter a demanda social de maneira social-democrática. Em poucos meses os chilenos experimentaram o passo entre as fases axiomáticas propostas por D&G como um exemplo ultra violento de aula.

Então, se você deseja seguir a trajetória de cada um dos projéteis que dispararam contra a gente desde 18 de outubro de 2019, deve considerar todo o processo maquínico envolvido no puxar dos gatilhos. Um ponto de partida interessante para explorar isso pode ser, por exemplo, as declarações de José Ramón Valente – ministro da Economia no começo do segundo governo Piñera – que recomendou, em meados de julho de 2018, aos empresários que retirassem seus investimentos do Chile, propondo que “é saudável não colocar todos os ovos na mesma cesta”²⁵. Um galo cantou à meia-noite.

Em fevereiro de 2018, um mês antes que o *midget* ajustasse a faixa presidencial, um relatório da OCDE projetou um cenário crítico. O crescimento econômico do país estava no ponto mais baixo desde 2009, mostrando que a dependência da exportação de recursos como o cobre faz a economia chilena vulnerável a "possíveis choques externos", como o aumento das políticas protecionistas e a desaceleração do comércio global, caso em que as perspectivas de exportação cairiam²⁶. Beleza. Somo como

25 Ver: < <https://www.cooperativa.cl/noticias/pais/gobierno/ministro-valente-aconsejo-invertir-fuera-del-pais-no-es-sano-tener-los/2018-07-24/114023.html> >.

26 OCDE. Estudios económicos de la OCDE: Chile, Febrero 2018. Disponível em: < <https://www.oecd.org/economy/surveys/Chile-2018-OECD-economic-survey-Spanish.pdf> >.

antecedente, em 22 de março daquele ano, Donald Trump assinou uma ordem executiva na qual os EUA impõem tarifas de cerca de US\$ 50 bilhões aos produtos chineses, citando os danos de centenas de milhões de dólares que o roubo de propriedade intelectual pelo poder asiático geraria anualmente para a economia do seu país²⁷. Google vs Huawei. Como sabemos, isso desencadeou a chamada “Guerra Comercial”, cujo início foi estabelecido às 00:00 de 6 de julho de 2019. Um dia depois, em uma entrevista de rádio, o professor Jorge Sahd – diretor do Centro de Estudos Internacionais UC – afirmou que o efeito mais claro no médio prazo para o Chile seria a menor arrecadação para o Fisco dos ingresos do cobre, afetando diretamente as políticas sociais²⁸. Após um ano, em 23 de setembro de 2019, Piñera aproveitou seu discurso no Fórum Econômico Mundial, em Nova York, para convidar os presidentes Xi e Trump a interromperem a “guerra comercial estúpida”²⁹. O compromisso do país com o conflito foi tal que a assinatura do acordo entre os presidentes dos EUA e da China aconteceria em Santiago do Chile, em novembro, no âmbito da frustrada cimeira das economias do Fórum Ásia-Pacífico (APEC), suspensa após a explosão da Primavera.

D&G dizem que "o capitalismo enfrenta seus limites e, ao mesmo tempo, os desloca, para afastá-los"³⁰, tramando um espaço correlacional de fluxos que, em um dia calmo, sem muitas notícias, o mais interessante que o *mediascape* pode oferecer é um vídeo viral de um ministro cometendo um erro hilário na inauguração de um jardim de infância para crianças imigrantes com necessidades educacionais especiais. Mas você só pode sonhar em ser Suécia apenas se tiver as condições materiais objetivas da Suécia. Não podem ser criados novos axiomas se as tensões que eles resolvem de maneira abstrata em um diagrama do governo não podem ser operadas na vida cotidiana das pessoas devido à falta de recursos e infraestruturas precárias.

Nas tristes economias tropicais do Sul global as polaridades axiomáticas são resolvidas aumentando a dívida externa, intensificando o extrativismo, e militarizando as áreas onde não é possível gerar dinâmicas inclusivas para conter as demandas sociais. E toneladas de rotinas humorísticas repetidas e risadas pré-gravadas como *ambient-noise* do café da manhã.

27 Ver: < <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-43506200> >.

28 Você pode ouvir a entrevista em: < <https://www.adnradio.cl/internacional/2018/07/07/jorge-sad-la-guerra-comercial-entre-eeuu-y-china-afecta-directamente-a-chile-3771375.html> >.

29 Ver: < <https://www.cooperativa.cl/noticias/pais/presidente-pinera/viajes-al-exterior/pinera-emplazo-a-eeuu-y-china-a-detener-la-estupida-guerra-comercial/2019-09-23/212357.html> >.

30 Deleuze e Guattari, Op.cit., p. 467.

Infraestruturas críticas

*Fabrican estrellas que son industrias /
fabrican los héroes por cantidades*
Emociones Clandestinas, “Cajitas Rectangulares” (1987)

*¿La revolución de los servicios? Una realidad de la
que ya disfruta el consumidor chileno.*
Joaquín Lavín Infante, “La Revolución Silenciosa” (1987)

A primeira dobra do espaço político isola a figura do soberano como foco da crítica. Piñera é apenas um rosto mal fotocopiado e mijado por cães. A segunda dobra evidencia o governo do território por meio de uma máquina estatal imanente nas infraestruturas operacionais do Capital. Como Roffe nos lembra, os axiomas são indiferentes às marcas qualitativas e às posições avaliativas³¹. Suas bandeiras são vermelhas, pretas, e democratas cristãs.

No final de novembro, como parte do pacote de medidas de controle social pós-18 de outubro, foi anunciada a emenda à Lei Constitucional Orgânica das Forças Armadas para estabelecer o papel dos militares na proteção das infraestruturas críticas do país, dando poderes à ação defensiva no território sem a necessidade de estabelecer um estado de exceção constitucional. Nas palavras de Piñera, o objetivo é “garantir o bom funcionamento dos serviços básicos, vitais para a qualidade de vida das pessoas”³². Uma vez declarado o fim do estado de emergência constitucional no domingo, 27 de novembro de 2019, o problema foi tentar governar os fluxos de violência. As imagens evocadas para promover as políticas repressivas baseavam-se no direito dos chilenos de retornarem à sua “vida normal”.

As infraestruturas críticas constituíram um eixo na composição nas tecnologias de segurança do regime biopolítico liberal após a campanha militar global liderada pelos EUA e pelos países da OTAN sob o nome de "Guerra ao Terrorismo", iniciada após o já distante ataque de 11 de setembro de 2001, em Nova York. Em 2004, o *Department of Homeland Security* dos Estados Unidos definiu infraestrutura crítica como a rede de

31 Roffe, J. Axiomatic set theory in the work of Deleuze and Guattari: A critique. *Parrhesia*, 23, 2016, 129-15.

32 Ver: < <https://radio.uchile.cl/2019/11/24/presidente-anuncia-proyecto-para-que-ff-aa-puedan-colaborar-en-proteccion-de-infraestructura-critica-del-pais/> >.

estruturas físicas e a rede de informações cibernéticas cujo ataque pode afetar as atividades-chave para operações econômicas e governamentais³³. Analisando "a maneira/via liberal" (*liberal way*) da governança desenvolvida à sombra dos aviões não-tripulados dos *yankees*, Dillion e Reid apontam que a definição de “qualidade de vida” (*quality of life*) que os governos fazem para legitimar estratégias para a defesa de infraestruturas críticas contém a subordinação da vida das pessoas às estruturas operacionais das máquinas capitalistas³⁴. A menos que você esteja disposto a morrer.

A “vida” que as máquinas soberanas espalham como aquela que deve ser protegida não corresponde a nenhuma forma de vida no território. São protocolos, *standards* e KPIs que os cidadãos-espectadores observam apenas como a fotografia publicitária das expectativas produtivas das operações do Capital no território, instalado como referente de subjetivação para corpos dóceis por meio de um sorriso agradável. Aquela não-vida atua como uma máquina abstrata organizando os elementos materiais e semióticos que delineiam os contornos do que as vidas podem ser ou não ser, estabelecendo as marcas que permitem identificar e avaliar quando um excesso de vida pode se tornar um perigo potencial para o funcionamento do Capital.

No entanto, como Lundborg e Vaughan-Williams propõem, a leitura de Dillion e Reid enfoca aspecto molar do problema, “referindo-se só a uma vida que pode ser calculada e controlada de acordo com um padrão, sistema ou estrutura em particular”³⁵ e, portanto, ignorando as relações moleculares e as forças potenciais que residem na materialidade das coisas.

Essa molecularidade foi expressa nos dias mais quentes da festa da Primavera, quando o governo de Piñera ainda não tinha acabado de assimilar o impacto da explosão social. Em novembro, o fluxo do movimento inicial já havia consolidado certos repertórios de ação como a ocupação territorial por meio de assembleias em praças, - algumas organizadas espontaneamente por grupos de vizinhos, e outras desenvolvidas pelas máquinas políticas partidárias tradicionais e operadores ao nível do governo municipal, Além disso, ocorreu irrupção da figura da “*primera línea*” (linha de frente), grupos autoconvocados que tomaram a posição de choque direto com as forças

33 Department of Homeland Security (DHS) (2004). *The National Plan for Research and Development in Support of Critical Infrastructure Protection*. Disponível em: < http://www.dhs.gov/xlibrary/assets/ST_2004_NCIP_RD_PlanFINALApr05.pdf >.

34 Dillon, M. e Reid, J. *The Liberal Way of War. Killing to make life live*. New York: Routledge, 2009, p. 130.

35 Lundborg, T. e Vaughan-Williams, N. Resilience, Critical Infrastructure, and Molecular Security: The Excess of 'Life' in Biopolitics. *International Political Sociology* 5, 2011, p.377.

repressivas durante as marchas a fim de protegerem o restante dos manifestantes. Foi construído um mito anti-ideológico em torno da *primera línea* baseado na transversalidade das demandas sociais de outubro, a ponto de obter a simpatia pública de Raquel Argandoña – famosa *momia* (múmia) associada ao pinochetismo –, que disse que tinha amigos na *primera línea*³⁶.

Mas também como parte desse fluxo de autodeterminação territorial que surge diante da situação crítica, produzem-se agenciamentos de máquinas sociais que assumem uma posição defensiva da propriedade privada: os “*chalecos amarillos*” (coletes amarelos). O meio digital de direita turbo-liberal *El Líbero* os caracteriza como grupos de vizinhos coordenados pelo WhatsApp com o objetivo de conter o fluxo de violência. Embora compartilhem as demandas sociais de outubro, assumem uma posição ativa contra o que identificam como expressões destrutivas do movimento³⁷.

Um amigo maconheiro confessou ter sido um *chaleco amarillo* por uma noite, depois de uma reunião de vizinhos em que foram acordadas medidas de autodefesa no bairro contra a possibilidade de que a onda de saques e violência nas ruas próximas, concentrada nos supermercados, comessem a avançar em direção a eles. Ele não podia ser contra o que considerava uma medida pragmática. *Smoke of future fires*. Mas o que esse cara nunca faria na vida seria defender um supermercado como ocorreu em Maipu, onde lojas de grandes cadeias como Lider/Walmart foram defendidas pelos *chalecos amarillos*, atingindo e capturando saqueadores na presença destemida da polícia³⁸.

Os *yuppie-cosplay* de *El Líbero* afirmam que a relação entre o *mouvement des gilets jaunes* “originais” e os *chalecos amarillos* só são as roupas e seu modo de organização. Mas eu não posso deixar de ver motoristas reclamando. Eu os vi a vida toda. Olhando para mim com ódio através do para-brisa. Corpos precários cujos cálculos diários de sobrevivência envolvem a leitura, compreensão e avaliação dos sinais que se propagam pelas cadeias logísticas globais, como possíveis aumentos da gasolina causados por conflitos internacionais. Vejo velhos taxistas que odeiam Uber e Cabify, famílias proprietárias de pequenas lojas de roupa para mascotes, empresas médias de distribuição de produtos agrícolas. E, também, vejo jovens motoristas do

36 Como você pode ver em: < <https://www.youtube.com/watch?v=y-HxGMG2vNc> >;

37 Ver: < <https://ellibero.cl/actualidad/el-contraste-entre-los-chalecos-amarillos-chilenos-que-cuidan-sus-casas-y-los-franceses-que-se-toman-las-calles/> >;

38 Ver: < <https://www.24horas.cl/nacional/vecinos-expulsan-a-palos-y-patadas-a-saqueadores-en-supermercado-en-maipu-3679320> >.

Uber pagando suas dívidas educacionais, e seus primos *millenials* hippies-nazistas comprando esoterismo-marxista no AliExpress para revendê-lo no Instagram. *Kaj tiel plu*.

Nenhum deles lhe dirá que a qualidade de vida que defendem é uma imposição vertical de um regime governamental em suas vidas. Eles não lutam por uma bandeira ideológica. Apenas pelo que consideram "próprio", o produto de seu trabalho. A dupla dobra maniqueísta leva o conflito amigo-inimigo à leveza impassível dos circuitos diários das pessoas, na defesa do que faz possível sua mera existência como cidadãos-espectadores passeando pelas vitrines do *mediascape*. As infraestruturas críticas são os pontos em que se torna visível a passagem do regime axiomático capitalista de seu estado-fase social-democrático para seu estado-fase totalitário, não apenas porque são os elementos mínimos que permitem a operação de Capital no território, mas pela demanda e defesa que emerge da própria população. A retirada defensiva do Estado foi experimentada ao nível do pavimento e o musculo, deslocando as zonas de exceção dos confins (*frontiers*) do espaço político para o centro das cidades e da vida dos “*nos, chilenos*”, e instalando limiares de indeterminação cuja resolução não se encontra num soberano abstrato, mas nas demandas dos cidadãos sobre suas “próprias” vidas. É a partir daí que avaliam o que não permite o desenvolvimento normal de sua existência, reconhecendo os *hostis* nos sinais de alarme de uma possibilidade que é destruída, que desaparece, ou que simplesmente para de funcionar. Porque, lembre-se, estamos falando de coisas concretas, infraestruturas quotidianas. Isso ficou evidente a partir de dezembro.

Esperava-se que a explosão social de outubro afetasse uma infraestrutura tão relevante para a operação do Capital no território chileno quanto seu ecossistema educacional, com suas instituições de venda de certificados, estratégias de financiamento, ofertas de crédito, promessas de vagas de emprego crescentes para técnicos de prevenção de riscos, e outras fraudes piramidais desse tipo. Sua posição estratégica foi revelada infectando o fluxo de violência com uma temporalidade baseada em critérios operacionais pragmáticos que qualquer dos “*nós, chilenos*” pode reconhecer como válidos.

No final de novembro, os dias 6 e 7 de janeiro foram propostos como um prazo realista para a *Prueba de Selección Universitaria* (PSU), depois de terem sido adiadas duas vezes devido ao choque institucional. O *deadline* do cronograma de atividades de inscrição e admissão em instituições de ensino superior foi definido como sendo 2 de

março. Embora a primeira etapa burocrática só tenha sido totalmente resolvida em 5 de fevereiro de 2020, devido à resistência levantada por estudantes do ensino médio, cujas primeiras explorações críticas foram rapidamente recuperadas nos discursos e demandas propagadas pelas cabeças falantes do CONES e da ACES³⁹.

Muitos eram caras adolescentes de afiliação anárquica difusa e espontânea, atuando no tempo do eterno presente da raiva acumulada. Para aqueles, as ocupações de edifícios públicos e a sabotagem foram a continuação da destruição criativa envolvida no fluxo da violência popular que abriu com as pétalas da Primavera, avançando de acordo com o programa tácito de não retorno à normalidade, “porque a normalidade era o problema”. Por outro lado, os jovens de organizações com siglas fizeram o mesmo que qualquer jovem de organização com sigla uma década antes, disciplinando o fluxo de protesto estabelecendo uma demanda negociável da qual eles eram seus rostos. A história não era nova. Ninguém aqui inventou ser jovem. Eu ainda lembro 2006: crianças brincando em um aterro, sobre as futuras ruínas de uma casa, trocando pedras, papéis e tesouras à luz do crepúsculo de um sábado à tarde.

Analepse

Durante a década do *boom* das exportações na América Latina (2003-2013)⁴⁰, nos dias do "consenso dos *commodities*"⁴¹, o governo de Michele Bachelet foi uma versão populista moderada no horizonte de gastos sociais em comparação com os seus homólogos latino-americanos. O preço histórico atingido pelo cobre nos mercados globais gerou um enorme superávit fiscal, criando uma situação paradoxal em que a possibilidade de aumentar consideravelmente os gastos sociais tornou-se uma ameaça para o governo, ao aumentar as demandas sociais além das estimativas iniciais do ambiente em torno de Bachelet. Como propõe o professor Gárate, “havia uma possibilidade real de uma onda de mobilizações sociais se as expectativas criadas pelo

39 São as siglas das organizações estudantis referentes do movimento, respectivamente Coordenador Nacional de Estudantes Secundários e Assembléia Coordenadora de Estudantes Secundários. *Bilz & Pap.*

40 Para revisar os dados da "década do boom das exportações" na América Latina, o documento assinado em conjunto por OCDE, CAF y CEPAL, *Perspectivas para América Latina 2016: Hacia una nueva asociación con China*. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/39535/S1501061_es.pdf>.

41 Svampa, M. «Consenso de los Commodities» y lenguajes de valoración en América Latina. *Nueva Sociedad* 244, 2013, 30-46.

governo de Bachelet não fossem atendidas em pouco tempo”⁴². Isso aconteceu muito rapidamente. Entre abril e maio de 2006 houve uma grande mobilização de estudantes do ensino médio em todo o país.

Embora sob o olhar materno do rosto-Bachelet a máquina estatal recuperou rapidamente essa potência antagonista no estágio germinativo, criando novos axiomas que permitiriam que a “demanda histórica” pela educação fosse incorporada como um mito norteador do horizonte de desenvolvimento neo-extrativista, caracterizando um ponto de abertura no estado-fase social-democrata.

É um fato. O ciclo de tensões sociais pela educação conseguiu forçar o reconhecimento institucional de demandas sociais como a igualdade de acesso. Um de seus efeitos foi a expansão exponencial das matrículas em centros de ensino superior e técnico durante a década de 2005-2015⁴³. Como um camarada militante do Sul do Chile resumiu para mim, a lógica estratégica para muitos foi: “Cobre + Reforma Tributária = Educação”, o que implica uma “redistribuição do excedente” assumindo a centralidade do Mercado Global na capacidade de “ação soberana” do Povo. *Comparative advantages* e economia do gotejamento com rosto de mulher *luchona*. Naquela época de ouro dos governos de ex-querda, os significantes eram tão vazios que a “gratuidade” poderia ser facilmente experimentada como “dívida”.

É irônico. Um estranho triunfo do ciclo de mobilizações pela educação foi a “gratuidade”, a demanda contida no próprio *slogan* com o qual o movimento foi propagado e vendido pelo *mediascape* global através dos rostos juvenis de Barbie Stalin e Giorgio Boric⁴⁴. Sor Bachelet incorporou a “gratuidade” tarde, em seu segundo mandato e como item orçamentário do gasto público a partir de 2016, dando a possibilidade de acessar o sistema de ensino superior sem dívidas às famílias correspondentes a 60% da renda mais baixa. Mas o dinheiro do cobre *ya era*. Não foi

42 Gárate, M. De la elección al primer año de gobierno de Michelle Bachelet: ¿un fenómeno político con fecha de expiración? *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 2007. Disponível em: < <http://journals.openedition.org/nuevomundo/3538> >.

43 De acordo com os dados disponíveis em Kremermar, M. y Paez, A. Endeudar para gobernar y mercantilizar: El caso del CAE. Documentos de Trabajo del Área de Institucionalidad y Desarrollo. Santiago de Chile: Fundación SOL, 2019. Disponível em: < <http://www.fundacionsol.cl/wp-content/uploads/2016/04/Estudio-CAE-2016.pdf> >.

44 Esses são os nomes alquímicos com os quais alguns caras psicodélicos e outrxs pesquisadorxs dissidentes na Interzona denominam os atuais deputados Camila Vallejos e Karol Cariola (Partido Comunista), e Giorgio Jackson e Gabriel Boric (Frente Amplio), que durante as grandes manifestações pela educação em 2011 cooptaram a atenção da mídia, transformando em rostos públicos do movimento e concentrando o debate em torno das demandas dos grupos universitários de Santiago. Como são quase iguais, a referência é um exercício de economia mnemotécnica que permite estabelecer algumas diferenças mínimas (gênero e filiação partidária).

uma mudança real no sistema educacional, mas um ajuste de mercado que permitiu preencher sua oferta disponível via voucher com selo oficial do Estado⁴⁵.

Realmente, grande parte do aumento das matrículas no ensino superior que ocorreu entre 2005-2015 não foi no quadro de uma “educação pública” nem “gratuita”. Como mostra o estudo de Kremermar e Paez, 70% desse aumento foram concentrados em apenas 20 instituições pertencentes a grupos educacionais privados, como Laureate International, Santo Tomás e Pontificia Universidad Católica. Um dos principais fatores foi a implementação do Crédito com Garantia Estatal (CAE) durante o primeiro governo de Bachelet, consistindo em um crédito concedido pelos bancos privados a instituições de ensino superior para cobrirem e financiarem os estudos de alunos de famílias de baixa renda, nas quais o Estado do Chile é fiador do pagamento sob uma lógica subsidiária. As instituições mencionadas receberam 66,5% dos alunos que acessam o CAE e 67,4% dos recursos que o sistema de ensino superior chileno recebe por esse canal desde 2006. Grande parte disso é produzido por estudos universitários inacabados e mercados de trabalho inexistentes, movendo dinheiro público diretamente para empresas educacionais, o que, em qualquer caso, não cobre toda a dívida⁴⁶. Para muitas famílias o sonho da educação dos seus filhos tornou-se o pesadelo da ameaça de embargo.

Fim da Analepse

Fin a la P\$U. Em 2004 eu tinha isso escrito na parede do meu quarto, ao lado da minha cama. Em janeiro de 2020, na voz de Victor Chanfreau – rosto da ACES – a demanda soa como seguidora histórica das épicas lutas pela educação, com frases feitas há muitos anos. Mas, pelo menos como “reivindicação” no contexto pós-outubro 2019, era pura merda adoçada. Os cidadãos-espectadores ficaram presos às imagens quentes

45 Muitos estabelecimentos acadêmicos provinciais –como a Universidad de Playa Ancha – deram sinais de alarme sobre essa transformação trapaça, uma vez que a própria lógica de mercado predominante os forçou a assumir o nicho de mercado dos setores empobrecidos, aumentando sua situação de dívida e pressionando-os para terceirizar serviços ou vender –ou transferir?– parte de seus ativos e operações para outras instituições com capacidade financeira para responder à demanda. Em outras palavras, nesses casos a gratuidade de sor Bachelet pode até acelerar os processos de privatização da educação pública. Um relatório interessante sobre isso em Segovia, M. La paradójica gratuidad universitaria que dejó el Gobierno de Bachelet. 18 de diciembre, 2019. El Mostrador. Disponível em: < <https://www.elmostrador.cl/noticias/pais/2018/12/18/la-paradojica-gratuidad-universitaria-que-dejo-el-gobierno-de-bachelet/> >.

46 Kremermar, M. e Paez, A. *Op. Cit.* Os pesquisadores da Fundación SOL realizam uma análise exaustiva com informações econômicas e dados estatísticos sobre o desenvolvimento do CAE, desde o seu lançamento até dezembro de 2018. Uma das conclusões do estudo é que, com o CAE, os pilares da acumulação por desapropriação do regime capitalista neoliberal são reforçados através do endividamento relacionado ao acesso a um direito social como a educação.

da violência juvenil, sem clicar no link da notícia em que se diz que a Lei 21.091, sobre Ensino Superior – em vigor desde 2018 – indica que, em 2019, a PSU seria realizada pela última vez.⁴⁷

O processo de admissão na universidade operou como dispositivo de contenção através do *mediascape*, concentrando o fluxo de violência e isolando o conflito em torno de um segmento social específico, os “estudantes radicalizados”. Ocorreu uma polarização entre as famílias dos cidadãos-espectadores que exigem o cumprimento do serviço de avaliação e certificação, e escaramuças de estudantes que foram reduzidas pelo governo a irrupções de “um individualismo raramente visto”⁴⁸, diferenciando-os do movimento social de outubro. Os *chalecos amarillos* reapareceram, agora como pais dispostos a usarem a violência para garantir o futuro de seus filhos⁴⁹. Isso criou um cenário favorável para avançar na agenda de controle social, sendo o conflito rapidamente integrado pelas máquinas políticas oficiais que tiveram a oportunidade de mostrar as vantagens de estabelecer o papel das forças armadas na proteção das infraestruturas críticas do país⁵⁰. Alguns pediram que os militares guardassem os estabelecimentos de ensino.

Em 20 de janeiro, o projeto de lei para a proteção de infraestrutura crítica foi aprovado no Senado, graças aos votos da oposição - democratas-cristãos e PPD. Isso foi apresentado como um triunfo do governo. Nas palavras do Ministro da Defesa, o Chile classificou-se como “os países mais avançados do mundo” em termos de segurança, permitindo que as forças armadas assumam tarefas de defesa focadas no território “sem estado de exceção, sem limitação dos direitos das pessoas”⁵¹. No final de janeiro, a presença dos jovens líderes de organizações com siglas no *mediascape* deixou de ser tão

47 Ver: < <https://www.latercera.com/nacional/noticia/la-penultima-psu-las-dudas-sistema-la-reemplazara-2020/416162/> >;

48 Essas foram as palavras da Ministra Secretária Geral de Governo, Karla Rubilar. <https://www.cooperativa.cl/noticias/pais/educacion/psu/la-tercera-fue-la-vencida-psu-termino-el-proceso-2019-con-la-prueba-de/2020-02-05/134853.html>

49 Ver: < <https://www.youtube.com/watch?v=yfcvcO1lqT4> >.

50 No breve contexto de mobilizações sociais em torno do PSU, a senadora pró-governo Carmen Gloria Aravena, uma das autoras do projeto original, disse em entrevista à Rádio Universidad de Chile: “Hoje há uma imensa porcentagem de crianças, mais de 200 mil jovens e suas famílias, que hoje não podiam acessar um PSU da História. Na minha opinião, isso é sério, sério porque um direito é violado, um direito que também implica estudos de um ou dois anos. Então, acho que, se tivéssemos essa lei aprovada, isso nos permitiria ter outra história”. Ver: < <https://radio.uchile.cl/2020/01/17/militares-al-resguardo-de-infraestructura-critica-la-desconexion-del-gobierno-con-las-prioridades-ciudadanas/> >.

51 Ver: < <https://www.youtube.com/watch?v=zPSKfU08rsw> >. As palavras exatas da rotina humorística de Kramer foram “a saúde pública é uma das melhores do Sistema Solar. Qual é a piada? Para nós, estamos cheios de parabéns nos livros de reivindicações do Compín. As pessoas nos amam”.

virulenta quanto no início do mês, diminuindo a ponto da discussão pública aberta sobre educação simplesmente se tornar irrelevante. Então chegou fevereiro.

No tradicional *Festival de la Canción de Viña del Mar* ocorreu um *déjà vu* com alcances escuros. O imitador de voz e comediante Kramer zombou do Ministro da Saúde, Jaime Mañalich, lembrando sua infeliz intervenção de novembro em um programa matinal de televisão sobre a qualidade da saúde no país. Fiel à sua atitude irreverente, o ministro respondeu ao comediante: “eu não disse que tínhamos o melhor sistema de saúde do sistema solar, eu disse que possuímos um dos os melhores sistemas de saúde do planeta Terra”⁵². Todos no país riram porque sabem que é uma mentira. Riram taxistas que odeiam Uber e os *millenials* vendedores de bugigangas místicas no Instagram. E Cecilia Morel e os alienígenas insurrecionais também riram. Também riram minha mãe, o velho ex-mirista que vende livros, e a senhora paranoica no ônibus. Todos riram, exceto os anarco-dadaístas, fiéis à sua atitude irreverente.

O interessante dessa intervenção é que ela ocorreu durante uma entrevista concedida pelo ministro ao canal 24 Horas sobre as medidas adotadas no Chile em vista do avanço mundial da Covid-19. A única coisa que ele poderia oferecer naquele momento era avançar com o início da campanha de vacinação contra a influenza – melhor que nada, há! – e projetar possíveis cenários de ação e disposição de recursos. Principalmente ficções políticas para acalmar os nervos tensos dos cidadãos. espectadores excitáveis. Vamos considerar que é 25 de fevereiro.

O ministro Mañalich não pode parar de mentir na câmera. Em resposta à pergunta do jornalista sobre se a contingente Covid-19 afetaria o processo político em andamento no país, ele responde que o governo deve fazer todos os esforços “para não limitar as liberdades do povo consagradas na constituição”⁵³. Uma semana depois, o primeiro caso da Covid-19 em território chileno foi confirmado. Como disse o grande pensador argentino “nos divertimos na primavera, no inverno queremos morrer”⁵⁴.

O que é fato é que o ópio não cura a gripe, mas serve para espalhar o delírio epidêmico.

(Continua...)

52 Para ler uma cobertura da perspectiva das "notícias de entretenimiento" ver: < https://www.chvnoticias.cl/vina360/manalich-corrige-imitacion-kramer-festival-vina_20200225/ >.

53 A entrevista do Ministro Mañalich está disponível na íntegra em: < <https://www.youtube.com/watch?v=60cKxIXvmp8> >.

54 Aqui anexo a música citada, com suas letras em espanhol < https://www.youtube.com/watch?v=s7iyEF9c_XA >